

S. Paulo, 13 de Dezembro de 1913



N. 121

O PIRALHÃO

A ultima do Marechal



...
Já te-
a Ama-
s.

Anno III

Echos do dia 8 no «villino» Nair

300 rs.



Rua
15 de Novembro



— Não faça conta. Esses que vão á nossa frente vão á Casa Clark. Vão aproveitar a liquidação dos melhores calçados da praça. Basta para recomendal-os os meus sapatos adquiridos a um anno.

— E esses que vem atraz?

— Você até parece surdo... Não percebeste que vinham falando em adquirir esplendidos gramophones, phonographos e brinquedos da Casa Edison.

— Sim. mas tu comprehendes que a minha preccupação agora é de preparar o enxoval da cunhada.

— Pois então, vamos ás secções da Casa **Mappin & VWebb**, que no genero é a mais completa e reputada.



PIRRALHO

NUMERO 121

Assignatura por Anno 10\$000.

Caixa do Correio, 1026

Semanario Illustrado
d'importancia
evidente

Redacção: Rua 15 Novembro, 50-B

Revolução?

Parece que se approxima o momento em que os verdadeiros patriotas, num assomo de coiera santa, hão de se insurgir contra a corja de bandidos que de uns tempos para cá vem cavando a ruina do Brasil.

A prisão do general Thaumaturgo de Azevedo, por motivos que ninguem ignora é um facto que prova a existencia desse movimento patriótico.

E' um movimento patriótico, sim, que ha muito mais tempo se devera ter operado, evitando assim essa serie interminavel de miserias e desgraças, que em tres annos de governo nefasto, o marechal nos prodigalisou.

De dia para dia a situação do Brasil vae peorando, de dia para dia se faz mais fundo o abysmo em que estamos prestes a cair.

E' preciso, portanto, pôr um dique a esse descalabro imminente, faz-se mister obstar tenazmente o exicio da Patria, que com tanta perfidia vem sendo preparado pelo sórdido corrilho do general gaúcho.

E chegamos a tal ponto, que para se evitar seriamente esse exterminio geral que nos aguarda, só mesmo um movimento revolucionario, que extinga de vez a causa de todos os males que chovem sobre nós.

O general Thaumaturgo de Azevedo parece ter levantado a antiphona do hymno glorioso da rivolta. Que todos o sigam nesse intuito patriótico, que todos o acompanhem, porque é essa a unica valvula de salvação, é esse o unico caminho que devemos seguir nesta hora angustiosa da agonia da patria!

Congratulamo-nos vivamente com s. exa. o illustre secretario das Finanças deste Estado pelo ruidoso successo que alcançaram as suas sa-

bias e intelligentes declarações sobre a apavorante crise que ora nos assalta.

O plano do illustre titular para dissipar essa tremenda crise, que ahi está, é um planó de mestre, filho do seu esclarecidissimo espirito de grande financeiro que s. exa. se revela ser na sua brilhante entrevista com o representante do *Estado de S. Paulo*.

Aliás não se podia esperar outra coisa, do honesto e intelligente sr. dr. Sampaio Vidal, em bôa hora sabiamente escolhido para gerir os negocios financeiros do Estado de São Paulo.

Ao dr. Sampaio Vidal o abraço muito sincero e amigo do *Pirralho*, que o felicita calorosamente pelo seu intelligente plano debelatorio da crise, filho unico da sua grande e vigorosa capacidade administrativa.

Salvador de Mendonça

Cheio de mais vivo sentimento de pezar, o *Pirralho* religiosamente se reclinou sobre o tumulo do illustre brasileiro Dr. Salvador de Mendonça, depositando-lhe uma lagrima sentida e sincera.

Escusamo-nos de dizer aqui quem era o illustre morto. Valoroso combatente, formoso espirito, vibrante pensador, a sua morte vem ferir em cheio a alma da Patria e ahi, uma brecha imprehensivel quasi, no seio da representação intellectual do Brazil, actualmente bem pobre de espiritos de escól.

Hoje, que tanto se propala por ahi a grande cordialidade existente entre o Estados Unidos da America do Norte e o Brazil, e justo que tambem se reconheça em Salvador de Mendonça o agente seguro, intelligente, pertinaz, destre, dessa fraternidade hoje viva e real.

A sua fé de officio como diplomata nosso no estrangeiro é um attentado vivo do que foi o seu bello espirito, e do quanto era capaz o formoso talento

de mestre estudioso e perspicaz, de que elle era dotado.

Espirito clarividente, da «sensibilidade requintada e de uma nobre elevação», ultimamente Salvador de Mendonça voltou-se de novo para a sua actividade jornalística, produzindo fortes e vibrantes artigos que ornamentaram as columnas dos jornaes do Rio, sobretudo as do nosso valoroso e intelligente collega *O Imparcial*.

Registrada pois nestas linhas com o mais vivo pezar a noticia do desapparecimento desse bello espirito, enviamos sentidos pesames á familia do illustre morto, á Accademia de Letras, da qual elle era brilhante ornamento e a Patria que tantos e tantos serviços deve ao grande brasileiro que foi Salvador de Mendonça.

O casamento do Marechal

Na impossibilidade de fazermos uma reportagem completa do casamento do venerando Presidente da Republica, com a gentilissima senhorinha Nair Tefé, em vista da certeza de que o telegrapho não acceitaria os nossos despachos, enviamos delegação ao senhor Pindoba Junior, nosso agente de annuncios no Rio, para retribuir a gentileza do convite que nos foi enviado pelo «Sogra».

A sua correspondencia daria para fazer dois numeros da nossa revista. Não o fazemos, porque as nossas columnas não se maculam com o registrar das scenas ridiculas que acompanharam ao enlace marechalicio.

Conta-nos o sr. Pindoba, reservadamente, que as pilherias choviam de todos os lados.

Era um constante perguntar si conheciam, a ultima delle, esta, aquella, a que se passou em Portugal, na França, na Beocia, no Parque, na viagem a Itajubá etc. etc.

S. ex recebeu inumeros presentes.

ANDAR PRAT.
EST. Nº de CRD.



O snr. Antonio Prado depois das innumeradas entrevistas concedidas aos jornaes, cahiu de novo num abatimento completo.

E' o ostracismo, o ultimo periodo que lhe está reservado na vida.

Monarchista de envergadura inquebrantevel (pois s. exc. só adheriu ao Pinheirismo por ter perdido a) razão, volta cabisbaixo e arrependido ao vetusto solar de ermitão.



O Marechal agora deu para valentão. Arranjou uma senhorita Nair para ter faniquitos nos seus momentos de cobra e deu para valente o tal Marechal Hermes, ameaçando de tiros ao Snr. Rochinha, o dono da rendosa empreza da *Gazeta de Noticias* e da *Noticia*.

Deve ser simplesmente ridicula a figurinha *joãominhoquesca* do boçal sargento do Cattete, de punhos cerrados ameaçando a imprensa!

Tem a quem puchar o Tenente Leonidas!... Fitas do Marechal!

Porque *só agora* a sua estúpida pessoa acha que não se deve tocar na sua vida privada? Acaso o sargento Hermes não terá um amigo mais intelligente do que o Pinheiro e o Jangóte que lhe avise que a primeira coisa que um presidente tem que fazer, como muito bem diz o *Correio da Manhã* é tornar conhecida ao povo a sua conducta como cidadão?! Ou acaso o boçal presidente confunde lamentavelmente sua vida intima com a sua vida publica?!

S. Exia., que nunca teve brios, agora no fim da vida, sexagenario, é que deu para fazer dessas fitas de que tem dignidade e que essa dignidade está ofendida?

Já será influencia da Familia von Hoonholtz?

A solidariedade do *Pirralho* aos seus collegas da *Gazeta de Noticias* e da *Noticia* contra os tiros do marechal de bobagem, representa tambem o sentimento de asco que mais uma vez elle sente diante da figura moralmente nojenta e asquerosa do Marechal Hermes Rodrigues von-Hoonholtz da Fonseca!

Pessoas interessadas e que foram ludibriadas com os cacarecos da indecente exposição de Arte Franceza — pedem-nos, que reclamemos, quando será sorteada a numeração dos bilhetes de entrada.

A nosso vêr já era tempo de se fazer o sorteio, e não ser que aquillo tenha sido uma mera *blague*.

Quasi que formou um jardim zoológico.

Recentemente, sr. Pinheiro, offereceu-lhe um cavallo manco e caolho: numa entrevista das muitas concedidas pelo di. Antonio Prado, ficou-se sabendo que s. ex mandaria como presente de nupcias ao Marechal, carneiros, bois touros caracus.

Fizeram-lhe presente de uma onça, de um papagaio que já diz monologos e de muitos passarinhos de raça.

S. ex não consentio que a Imprensa desse a lista dos presentes finos. Depois digam que s. ex. é burro...

Basta se dizer que só a Leopoldina Railvsay offereceu um cigarro ou alfinete no valor de 200 contos!!!

O Victor Uslaender parece que alem de fornecer a prata para, as rendas do

vestido nupcial, mandou uns grampos no valor de 500 contos!!!

A Patria se pudesse oficialmente comparecer, ao venturoso enlace do truão do Cattete, naturalmente lhe offereceria uma grande taça rendilhada de ricos pedras e em fino metal, contendo o sangue dos victimas desse seu governo nefasto, contendo todos os crimes, todas as perseguições todos os roubos, todos os attentados, e sobre nadando dentro do rico mimo, os fragmentos da desventurada Constituição Brasileira, a dilecta filha do genial brasileiro Ruy Barbosa.

Ao receber esse presente, o Marechal receberia tambem um ardente beijo da sua noiva.



ANTONIO DE MARIA

Agente de Jornaes e Livros — Fornecedor das Estradas de Ferro — Caixa 821 — Escritorio Rua Boa Vista 5 — S. PAULO

«Agente geral da «Caretta», «Correio da Manhã», «Imparcial», «Epoca», «Jornal do Brazil», «Figuras e Fignões», «Malho», «Tico-Tico», «Rio Ni», «Illustração Brasileira»,

São encontrados tambem nesta agencia o «Dioguinho» e «Tenente Gallinha». Brevemente o «João Mineiro», continuação das aventuras do «Tenente Gallinha».



Palestra do Barão Duprat

com o General Pinheiro e Marechal Hermes da Fonseca

O barão Duprat, alguns dias antes das eleições municipais de 30 do passado, foi a uma das nossas secretarias e honestamente « cavou » um « passe » de 2.^a classe para o Rio de Janeiro.

Chegou ao Rio com 8 horas de atraso. Esperavam-no diversos amigos. S. S. como fino observador, notou desde logo, que a Central era inferior a Estação da Luz.

Meia hora depois, em auto official S. S. atravessava a arteria principal da Cidade Luz.

Foi grande o seu assombro não encontrando poeira e lixo na capital federal.

Interpellado si em São Paulo tambem era assim, S. S. calmamente respondeu: São Paulo é um « fac-simile » de Londres; não ha poeira: ha um constante nevoeiro. Garça secca...

S. S. hospedou-se no hotel « Péga mosca ». Tomou um demorado banho, fez massagens nos ouvidos e almoçou com extraordinario appetite.

Horas depois, depois de ter rezado o acto de contricção, seguiu para o Morro da Graça.

Subiu aquellas ladeiras com a mesma facilidade e familiaridade com que o fazem os ignobeis e crapulosos comparsas do candidato. E' que S. S. tambem ia implorar socorro para a sua reeleição de prefeito funesto e abominado, desta pobre capital.

Travou-se então a seguinte conversação:

(Pinheiro contrariado):

— Ora viva, barão, seja bem vindo.

(Barão desconcertado):

— Viva, amigalhão veio.

(Pinheiro affectando contentamento):

— Vá entrando, faça de conta que está em sua casa...

(Barão confuso):

— Obrigado. Você bem sabe que não faço cerimonia...

O barão refestelou-se n'uma poltrona e como lhe apertasse o sapato, foi sencermiosamente tirando-o.

(Pinheiro espirrando):

— Então que o traz aqui?

(Barão com ar solemne):

— Politica. Vejo que o governo paulista quer embargar a minha reeleição.

(Pinheiro arregalando os olhos):

— Embargar? Você, amigo do P. R. C.? Ficar esbulhado nos seus direitos?

(Barão triumphante):

— E' para ver. Como sabe, tenho administrado o municipio com intelligencia. Não tenho boas aux liars, mas... Só tenho o Alvaro Ramon, que por signal está cançado... Não nego editaes. Consinto transações. Sou victima dos « cavadores ». Assim mesmo, não tenho imprensa.

(Pinheiro ironico):

— Você se preoccupa com pouca coisa.

Faça como o Hermes... Vae se casar...

(Barão interrompendo):

— Mas eu sou casado.

(Pinheiro tranquillizando-o):

— Quando digo, vae se casar, é para lhe comunicar. Eu vou ser o padrinho. Com uma cajadada matarei dois coelhos. O Hermes, não lê jornaes, no que faz muito bem. Faz o que eu mando. Assigna o que eu escrevo e muito contra a minha vontade ás vezes, passa por presidente de facto.

(Barão tirando um palito de phosphoro para tirar qualquer coisa que lhe encommo-dava a dentadura postica):

— Lá isso é verdade. Berre a imprensa, os municipes fiquem loucos, eu, o Pedroso, o Pereirão, o Estanislão, fazemos o que bem entendemos.

(Pinheiro auctoritario):

— Está claro. Accaso você não accitaria uma pasta cá no Rio? Agricultura, por exemplo?

(Barão antegosando já):

— Depende... Preferiria continuar Prefeito em São Paulo. Esmagaria o Rodrigues Alves e derrotaria o Washington.

(Pinheiro apavorado):

— Washington? Aquelle que mandou preparar a policia para rechassar a intervenção federal?

(Barão estimulando):

— Esse mesmo. Esse civilista vermelho. Esse, cavaignac de arrelia.

(Pinheiro irrascivel):

— Não, esse batataense, nunca será prefeito. Vamos ao Cattete. Lavro a sentença e o Hermes assigna.

No Cattete.

(Marechal mirando-se num pequeno espe-lho de carteira):

— Que milagre, cá no Cattete sr. Barão?

(Barão radiante):

— Milagre do céu, sr. Marechal.

(Marechal expansivo):

— Como vae de saude? O cafe? A fazenda?

« O Marechal não sabia que estava falando com o Prefeito de São Paulo, tomou-o por um qualquer coronel de roça ».

(Barão estupefacto):

— De saude, bem. O café vejo dizer que vae mal. O Joaquim Miguel desgraçou com a lavoura. Fazenda não tenho. Disponho apenas de uma chacara, onde cultivo batatas e cebollas.

(Marechal insistindo):

— Deixa disso seu Barão. Diga-me quanto exportou o anno passado e quanto exportará este anno?

(O Marechal falou noutro estyio; mas a nossa obrigação é zelar pela grammatica).

(Barão incommodado):

— Repito seu Marechal. Não exporto café.

(Pinheiro acudindo o qui-pró-qué):

— O Barão não é fazendeiro. E' o pre-

feito municipal de São Paulo. Quer o nosso bafejo para ser reeleito.

(Marechal batendo o pé):

— Uma intervenção?! Proposta deshonesta...

(Barão audacioso):

— Legitima. Legal. Tenho prestigio. Tenho serviços. Sou soldado do P. R. C.

(Marechal coçando a péra):

— Oh! nesse caso não é uma intervenção: é uma obrigação.

(Pinheiro tirando um oharuto de 200 reis):

— Eu escreverei ao Bernardino...

(Barão ladino):

— Temo. Desejaria um « ultimatum » a Commissão Directora.

(Hermes espreguicando se):

— Dou lhe minha palavra. Conte com o meu apoio, já que somos « martyres » dessa imprensa venal... e saiba, tudo nos une e nada nos separa.

(Pinheiro aborrecido com as asneiras do Hermes):

— Com licença Barão.

Passaram-se 10 minutos.

(Pinheiro dirigindo-se ao Barão):

— Combinado. Como você seja derrotado em São Paulo, será nomeado ministro junto a Santa Sé.

(Barão inohado):

— Diplomata?... Não! Prefiro ser ministro de Estado. Quem sabe até, si não era melhor eu guerrear o Wenceslau?

(Marechal e Pinheiro abraçando-se):

— Eureka! Si o Autonico não quizer fazer «figa» ao Wenceslau, o barão será um excellente Presidente da Republica.

Tudo no mundo se atura

E tudo se aturará:

Somente na Prefeitura

Ninguém mais quer o Duprat.

Dr. J. J. de Carvalho

Recebemos e agradecemos muito, o bem feito e bem escripto livro "Na Tribuna e na Imprensa", da lavra do conhecido homem de letras, cujo nome encima estas linhas.

No proximo numero, ou brevemente, daremos o nosso juizo critico sobre tal obra, embora affirmem por ahi os Saturnino Barbosa, os Agudo e os Canto e Mello, que não sabemos fazer critica e nem dar opiniões.

Ao Dr. J. J., muito obrigado.

O Marechal tem duas vidas: publica e privada. Só dá o desespero quando falam na «privada».

— Porque?

— Porque *ella* não gosta.



Historia do Brasil do Hermes

A historia é o livro que conta os factos que aconteceram no passado. A historia do Brasil divide-se em tres partes ou capitulos que são: o descobrimento, a guerra do Paraguay e a proclamação da Republica.

Os outros capitulos que tratam de Ti-radentes, de 13 de Maio e outros feriados nacionaes são menos importantes e porisso não fazem parte da divisão da historia do Brasil.

I CAPITULO

Descobrimto do Brasil

O Brasil foi descoberto antigamente pelo navegador Pedro Alvares Cabral. Colombo já tinha descoberto a America, mas como não chegou até ao Brasil ensinou a Pedro Alvares Cabral o caminho do navio e elle foi feliz na viagem e parou no Rio de Janeiro. Quando Pedro Alvares Cabral chegou ao Rio de Janeiro foi recebido com grande luxo, mas a gente da cidade deu uma grande rata porque não mandou tocar o hymno nacional.

Pedro Alvares saudou e beijou a terra brasileira e mandou rezar a primeira missa no Brasil. Os brasileiros não acreditavam em Deus, porque não eram catholicos, mas depois que o padre falou elles ficaram religiosos e até hoje são.

Naquelle tempo tanto os homens como as mulheres só eram indios, e porisso a educação do povo não era muito desenvolvida.

Não tinha theatros, nem luz electrica no Rio de Janeiro e Pedro Alvares Cabral e seus companheiros quando queriam passear de noite andavam com uma vela accesa na mão direita. Quem não tinha vela precisava ir accendendo phosphoros durante todo o passeio.

Não havia calçadas, nem cinematographos e o unico divertimento daquelle tempo era o de tomar banho quente e morno.

Depois de alguns dias Pedro Alvares Cabral ficou aborrecido e queria voltar para a Europa, mas os indios amarraram-no a uma arvore e elle ficou preso como São Sebastião e d'ahi que veio o nome da cidade de São Sebastião. De noite, porém, os companheiros de Cabral desamarraram a corda e elle snbiu no navio.

De manhã começou a ehover tanto que Cabral não teve coragem de seguir e ficou esperando que passasse a chuva. Dois dias depois chegou um navio hespanhol commandado por Christovam Colombo e Cabral ficou mais animado e combinou regressar com Colombo e de facto na quinta-feira elles seguiram rumo da Enropa e depois de uma viagem desastrosa chegaram em suas casas.

(Continúa).



Entre dois bebedos

A scena se passa á 1 hora da madrugada nas adjacencias do Casino Antarctica

Um, elegantemente vestido de *smocking*, tresandando perfumes estontadores: outro esfarrapado, tresandando a paraty.

(O bebedo fino) — Que escuridão! Que tonturas que sinto. Que terei? Teria sido o champagne? oh! viva o champagne!

(O bebedo pobre) — Que bellissimo luar! Qual, tu não estás bebedo. Vejo-te ligeiramente alegre. Bebedo esten eu. 24 copitos já foram. Si o doutorsinho, tivesse um nichel...

(O bebedo fino) — Tu me chamaste de bebedo, seu malandrim, seu Hermes, seu negro. Não te enxergas? Sabes com quem estás falando? Quebro te a cara.

(O bebedo pobre) — Vê que sou tão branco como tu. Não te conheço, mas é a mesma coisa. Já que nos embriagamos, somos da mesma familia. Não te faças de valente, porque si não, dou-te uma bofetada. Pensas então, porque tens uma camisinha lustresa e uma fatiota nova, vaes partindo a cara do proximo?

(O bebedo fino) — Eu estava gracejando. Vê que estamos no centro da cidade. Fale mais baixo.

(O bebedo pobre) — Agora é que não falo. Não te faças de besta, ontra vez.

(O bebedo fino) — Cuidado, sinão mando te prender.

(O bebedo pobre) — Vamos juntos.

(O bebedo fino) — Mas eu saio e tu ficas
(O bebedo pobre) — Em que tu és melhor do que eu?

(O bebedo fino) — Faça parte da sociedade.

(O bebedo pobre) — Exasperado, arrumou uma formidavel bofetada no bebedo rico. Apitos, corrierias e ambulancias.

(Delegado irritado) — Quem és tu?

(O bebedo fino) — Filho do...

(Delegado colerico) — Recolha-se ao xadrez.

— E voce?

(O bebedo pobre) — Não tunho familia. Sou jogador. Ganho no bicho.

(Delegado furibundo) — Que tenho com isso? Ordenança, ponha-os no xadrez.

No dia seguinte:

«Foi hontem preso, por provocar desordens um moço descenhecido e o sr. João José Agudo».

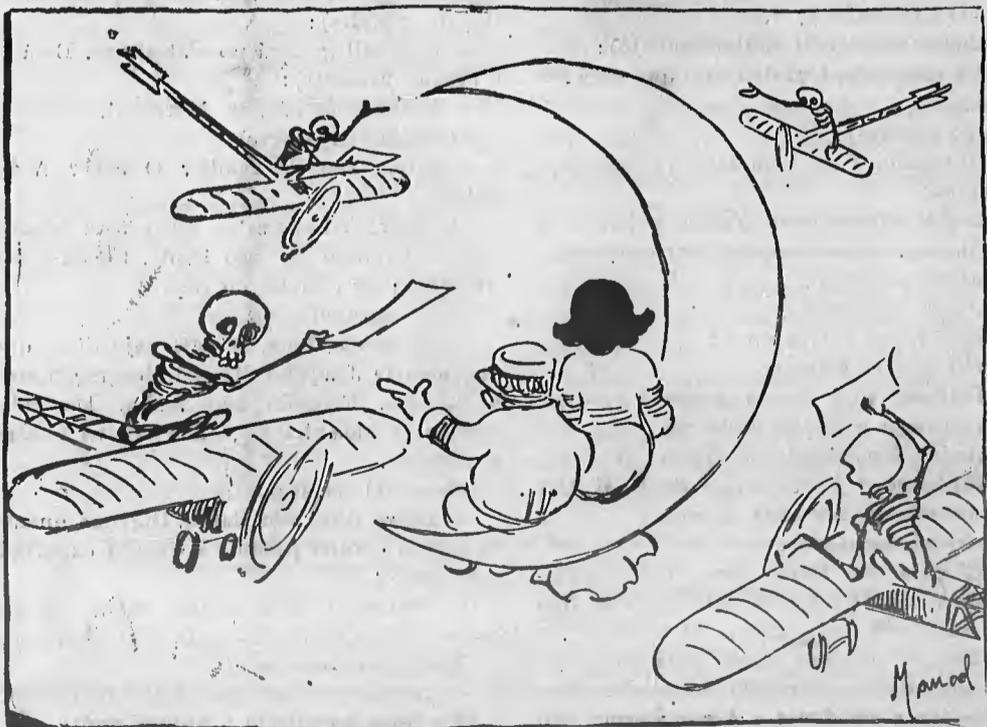
De facto, quem saiu ganhando, foi o bebedo fino, porque o bebedo pobre ficou conhecido.



Preparam grandes festas em homenagem ao Edú.

Porque tambem não preparam uma festa em beneficio, para que se levante um mausoleo ao Alaôr de Queiroz, a primeira victima dos aviadores brasileiros modernos?

A lua de mel do marechal



Hermes — Contas, vá cobrar lá em baixo



Cortando.....

Redempção de VEIGA MIRANDA

A matinée promovida pelo Club Athletico Paulistano revestiu-se de um brilhantismo encantador. Faltou direcção. Pudera! Estando á testa dos festejos o anarchisado sr. Didier, não se poderia esperar outra coisa.

Monsiur F. S., que foi incansavel para com os nossos gentis hospedes e distinctas familias, depois de um «tour de force» conseguiu salvar a situação, rogando aos seus amigos que dançassem pelo amor de Deus.

Foi muito commentado o «maxixe» dos irmãos C.

Mlle. ficou escandalizada com o «maxixe» de terça-feira ultima.

Interpellada si não «preciava» a dança moderna, foi com um sorrisinho de ironia que deixou transparecer que só apreciava na intimidade.

A festa do Velodromo foi encantadora pela concorrência e desoladora pela falta de animação.

De certo Doutor, que assistiu á matinée do Velodromo, ouvimos sentença espirituosa.

Passeando, em companhia de um nosso amigo, de um lado para outro, sempre pronunciava a mesma sentença:

Já vimos o Araçá, vamos ver o Conso-lação.

Mlle.... bateu o record, terça feira, no Velodromo.

Notando a tristeza de um collega platino, aproximou-se trocando ideias.

Falaram de São Paulo, do Marechal e do Barão.

O collega platino achou São Paulo muito bonito, porem muito sujo; o Marechal muito amável e o Barão, pelo que viu de São Paulo, disse a Mlle. que devia ser muito «intelligente»...

—Reparaste no «avança»?

—Como não? Fiquei escandalizada. Calcula tu, que eu e Lili tomavamos sorvetes, quando uns imprudentes derrubaram o serviço de chocolate.

—Não te machucaste?

—Felizmente não. Caiu nós pés de um sympathico jornalista, recentemente chegado da Europa.

S. F., mettido a smart, frequentador assiduo das nossas reuniões, tambem esteve no Velodromo terça feira ultima. Convidado por Mlle. para uma valsa, excusou-se.

Porque seria?

Seria o medo de ontro tombo?

Gavroche.



...depois baixou a sua cabeça sobre aquella cabeça, o'hos sobre os olhos, bocca sobre a bocca, e os dois seres se transmittiram no extase incomparavel do sol e da manhã o fluido maravilhoso do beijo.

(pag. 286)



NA BERLINDA

Com este titulo, recebemos a seguinte lista em calligraphia caprichada e feminina, acompanhada do seguinte bilhete em um papel bem ordinario de uma caderneta de notas talvez. O bilhete diz assim:

«Pessoas desejosas de proporcionar surpresas aos seus gentis leitores, pedem a publicação desta lista; simples brincadeira, sem maldade. Pedem tambem o grande absequio de não alterar a ordem, isto é, collocar as moças de vis-á-vis com os rapazes. Enviando saudações, attestamos aqui os nossos agradecimentos.»

Maria Amelia C. de Andrade	porque é a ma's	querida	Octavio Pinto	distincto
Isabellita V. Barbosa	"	vistosa	A França Filho	impressionado
Maria Penteadó	"	ambicionada	Mario Pontual	derretido
Helenita Menezes	"	delic da	Dico Vieira de Carvalho	apaixonado
Margarida de M. Castro	"	sincera	Jayme da Silva Telles	bello
Albertinha P. de Oliveira	"	vaidosa	Mario Souto	implicante
Isolina Lacerda	"	alt va	Fritz Souza Queiroz	calmo
Véra Paranagná	"	mignon	Cornelio França	desenvolvido
Renat Crespi	"	chi	Cicero da Silva Prado	seguro
Tetrazzini Nobre	"	ciumenta	S queira Campos	socegado
Florita Lacerda Soares	"	corada	Luiz Philippe Lacerda	cortez
Gilda Conceição	"	forte	Augusto B. de Carvalho	alto
Martha P. de Oliveira	"	dada	Luiz Alves	quieto
Mequinha Sabino	"	galante	C zario Coimbra	ser'o
Lucia de Barros	"	norvosa	Theodureto Carvalho	indifferente
M.ª do Lourdes M. Castro	"	constante	Sylvio da Silva Prado	exemplar
Dulce Pereira de Queiroz	"	reservada	Paulo Affonso	sympath'co
Baby Pereira de Souza	"	expansiva	Chiquinho Mesquita	bom tunho
Lydia C. de Mello	"	tristosa	Luiz Paranagná	« b ija flor »
Vilma Padua Salles	"	contente	C r. Freitas Valle	engraçadinho
Elisinha Scherchtz	"	interessnte	Carlos Ccelho	amavel
Cybelles de Barros	"	conhecida	Lair Azevedo	exquisite
Sylvia Valladão	"	pequenua	Lauro C. de Almeida	creançola
M.ª Almeida Prado	"	docil	Rubens Salles	feio
Clotilde Ca'uby	"	convenc da	Didi Salles	sizudo
Elsa Padua Salles	"	submissa	Raul V. de Carvalho	vivo
Aida S. Brandão	"	preconçosa	Rene Moura	bobinho
Marina V. de Carvalho	"	ul gr	C ssio V digal	r.s.uho
Nazaroth C. do Mello	"	mimosa	Conceição	comportado
Marion Piedado	"	dansarina	Bilú Lacerda	ten'nte
Zuleika Nobre	"	sonhadora	Oscar Qu'iroz	elegante
Carmita Pinto	"	bôasinha	Jorge Americano	bondoso
Annette Lacerda	"	enthu'iasmada	A. Cardozo de Mello	petulante
Nené Soulie	"	despreocupada	Titinho Pacheco	destemido
Maria A. Botelho	"	ingenua	Alvaro de Carvalho	h rrendo
Ruth Bourroul	"	pallida	Renato Coelho	tes
Lili Caiuby	"	conversada	Paulo de Barros	desconfiado
Maria Furtado	"	gentil	Carlos Botelho Filho	gorducho
Marina Sabino	"	viçosa	Armando Rosa	colosso
Gabriellinha França	"	retraida	Fernando Escorel	cordato
Elly Rocha	"	graciosa	Maoeyr Piz	simplicio
Branca Pereira de Souza	"	imperiosa	Octavio Coelho	orelhudo
Carmen Supplicy	"	affectada	Zefferson Nobre	energico
Marina P. Penteadó	"	meiga	Nesta Caiuby	servical
Alice Bastos	"	invisivel	Ismael de Souza	« jacaré »
Celia Hoffmann	"	polyglotta	Germano Pires	affavel

Concurso de belleza

Conforme a nossa praxe, brevemente começaremos o nosso annual concurso de belleza feminina.

Será este o terceiro concurso que

o *Pirralho* abre em suas columnas, sempre queridas das suas bellas e graciosas amiguinhas que são todas as gentis Mademoiselles de S. Paulo.

Dado o grande successo dos nossos anteriores concursos, temos cer-

teza de que, o deste anno, vae marcar um verdadeiro acontecimento no seio da fina e chic sociedade paulistana.

Os nossos premios serão valiosissimos e adquiridos na conceituada casa de joias Mappin & Webb.



A. DE BARROS LOB

Photographo do "PIRRALHO" e "CARETA"
Especialista em Ampliações, Reportagens e Photographias de Luz artificial



Laboratorio: RUA 15 DE NOVEMBRO, 50-B
TELEPHONE 1561 - S. PAULO

Encarreg -se na capital e no interior de todos os trabalhos concernentes á sua arte, como sejam: Retratos, Vistas, Instantaneos, Reproduções e Ampliações até 2 metros por 1, Moveis, Reportagens de Festas, Banquetes, Pic-nics etc. Attende a chamados





Normalistas diplomadas em 1913



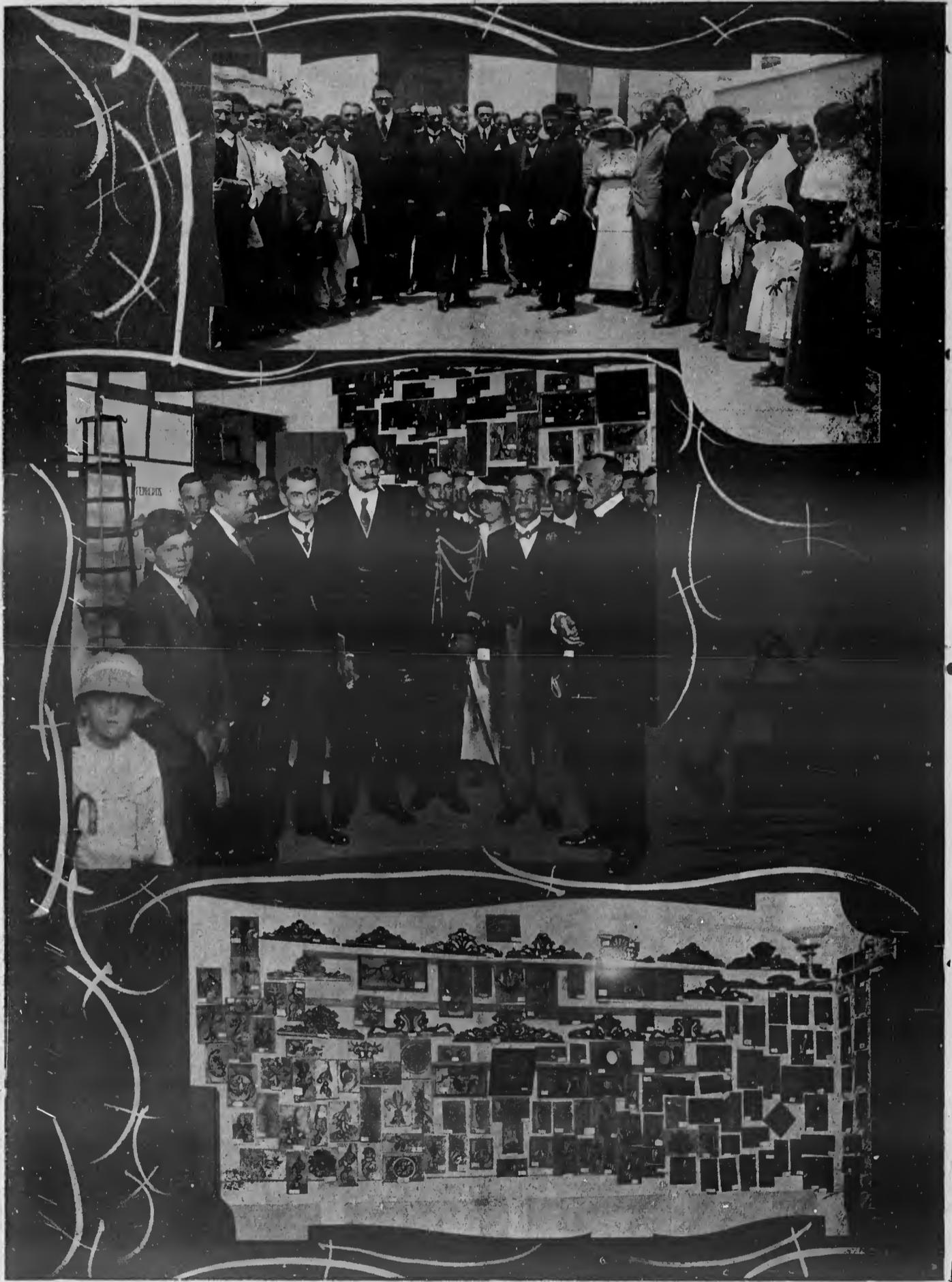
do seguinte
sim:
sta; simples
as moças de

distinto
impressionado
derretido
apaixonado
bello
implicante
calmo
desenvolvido
seguro
socegado
cortez
alto
quieto
ser'o
indifferente
exemplar
sympath'ico
bon-tinho
' b ija flor '
engraçadinho
amavel
exquesito
creangola
feio
sizudo
vivo
bob'inho
r,s juho
comportado
ten'nte
elegante
bondoso
petulante
dest'mido
h rrendo
teso
desconfiado
gorducho
colosso
cordato
simplicio
orelhudo
energico
servical
' jacaré '
affavel

no, vae marcar
mento no seio
e paulistana.
erão valiosissi-
onceituada casa
ebb.



Escola Profissional Masculina



Visita presidencial ao importante estabelecimento de ensino
Os snrs. drs. Carlos Guimarães, Altino Arantes e convidados «posando» para o Pirralho.
PHOTOGRAPHIA DE B. LOBO

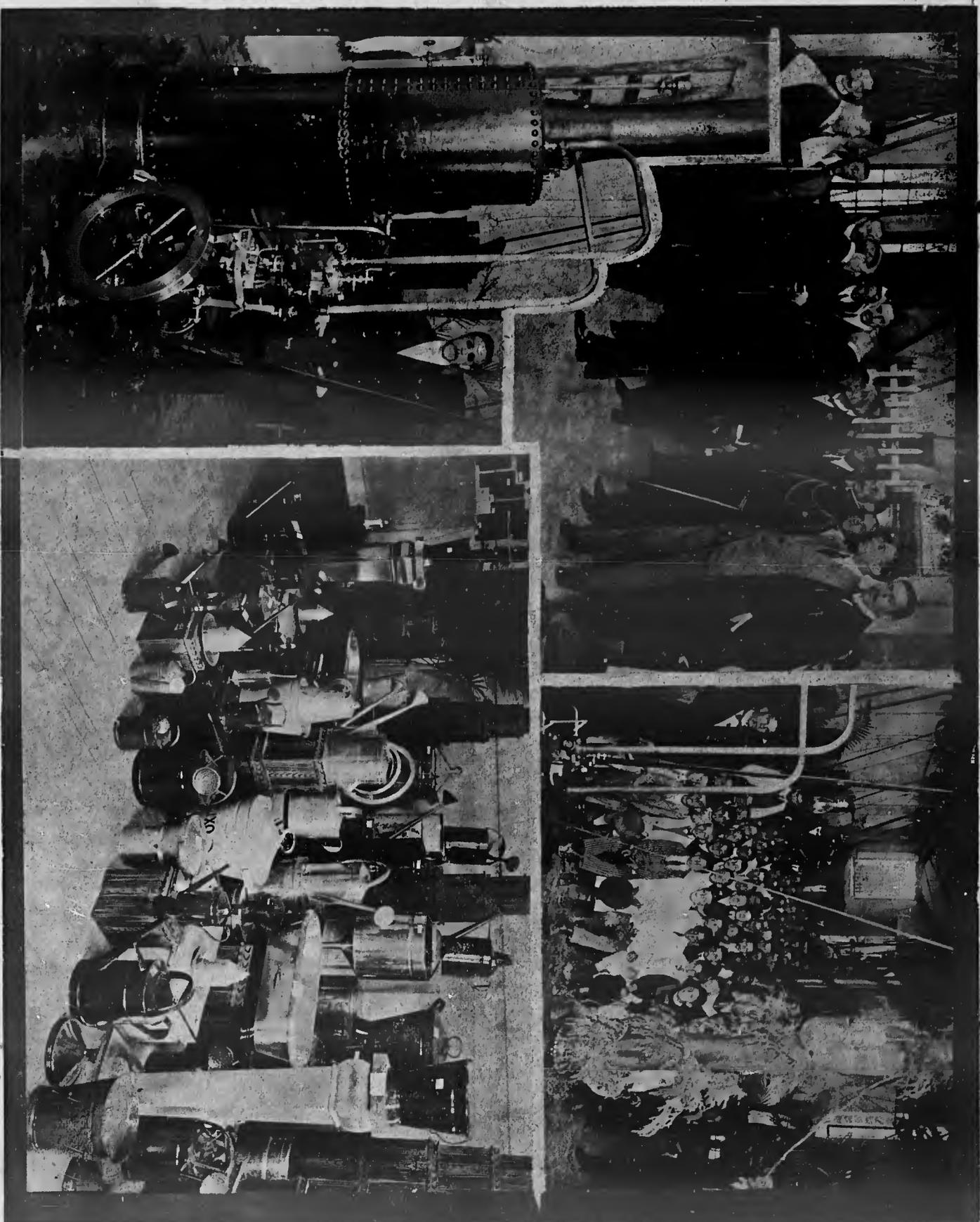


Escola Profissional Masculina



Diversos aspectos da exposição inaugurada em 5 do corrente com a presença dos sn rs. drs. Carlos Guimarães, Altino Arantes e João Chrisostomo.

Escola Profissional Masculina



Outros aspectos da exposição, vendo-se de um lado um bellissimo motor, trabalhado executado com rara habilidade pelos alumnos da Escola Profissional Masculina



Casino Antartica



Dois aspectos da esplendida e modelar casa de diversões. Ao centro a sympathica directoria da Empreza Theatral Brasileira, destacando-se os incansaveis directores Francisco Serrador J. Bittencourt e Antonio Gadotti.

Em baixo: Dr. Alexandre Albuquerque, «constructor» e José Gonçaves administrador da empreza.

Escola Profissional Masculina

Photographed by the author of this article

Casino Antarctica



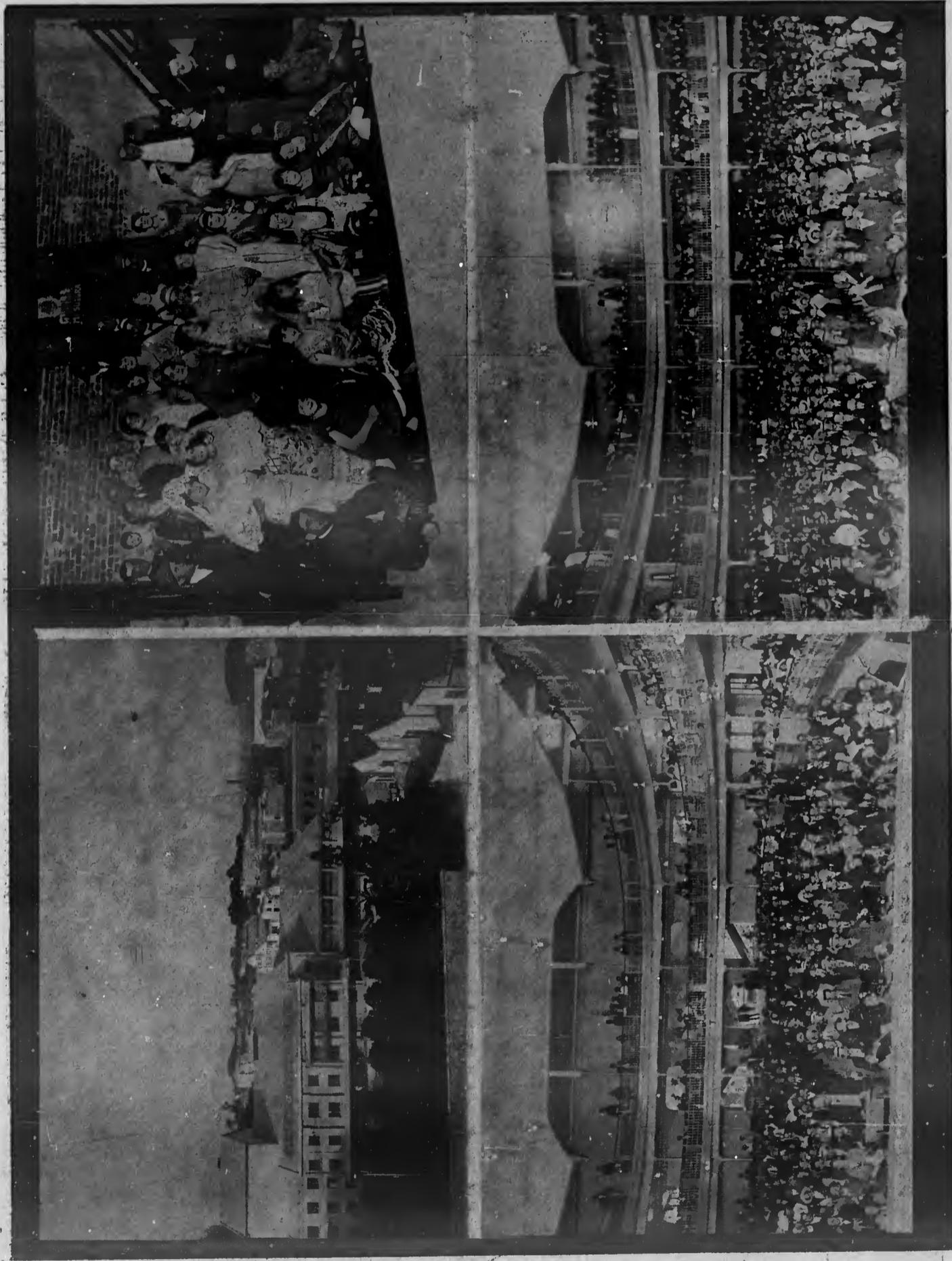
Aspectos tirados na noite da inauguração

PHOTOGRAPHIA DE B. LOBO



Casino Antartica

Casino Antartica



Dois aspectos do interior do elegante music-ball. De um lado todos os artistas da troupe que actualmente delicia os habitues do Casino Antartica





BACHAREIS DE 1913



Diversos aspectos tirados por ocasião da collação de grau. Em baixo o dr. Altino Arantes ao sair da Academia.

PHOTOGRAPHIA DE B. LOBO



O RIGALEGIO

Dromedario Illustrato

ANARCHIA, SUCIALISMO
LITERATURA, VERVIA
PUTURISMO, CAVAÇO'

Organo Indipendente do Abax'o Piques i do Bó Retiro
PRORPIETÁ DA SUCIETÁ ANONIMA JUÓ BANANÈRE & CUMPANIA

Redattore e Direttore: JUÓ BANANÈRE

1913

REDAÇO' I FICINA: Largo do Abax'o Piques pigdo co migatorio

o ingazamente du Hermeze

Io non murí nu gamigno — Non péga nu bico che io non ligo — O trenhes specialí — Vuçé
quere si gazá c' oelli? O discursimo da Piedadó — Otra nutiça.

Dominigo passato as otto ores da notte io piguê a mala i indigambai p'ru Rio p'ra sistí o ingazamente du Hermeze.

Contro tutto spettativa io non murí na viagia. Nu Rio, quano io xignê, porca miserial che bunita vesta di recepicó chi fizéro p'ra mim.

A staçó stavo xiigna piore da nuvola di gafagnote. Tuttos muno ficiali stavo lá: os ficiali di barbiére, do ficiali da a guardia anazonala, i també tuttos pulitico impurtanti pur causa di mi pigá nu biquinho da xalêre, che io só o scefe pulitico maise scique du prospero distritto du Abax'o Piques.

O Pinhêre Maxucado també mi vignó dá un abbraccio p'ra mim con parte di besta. Ma illo stá inganuado! podi mi pigá nu bico che io non dô mesimo o migno apóio p'ra elli. Io non só sin virgogna come o Rosesirva, i nê come o Rubió.

Tambê o Maro Hermeze mi pigó un brutto abbraccio inzima di mim. Istu si che é un rapazigno «gotubo», o Maro Hermeze; insugliamba cun tuttos muno inrusivio o Pinhêre, o Giangottí, o páio (o páio è u Hermeze).

Disposa chi cabaso a reeepicó io amnutê nu tomobile da bulanzia che o Hermeze mandó lá p'ra mi aspettà, i scaxê p'ro ottélo.

Tambê u otello fui, o Hermeze chi apagó pur causa che io non págo, só nu impagabile! Di notte, io butê a gazaka nuóva che io eumpri o anno passato na Masci grandi i asubi p'ra Petropolio, nu trenhes special che o Hermeze mandó afazê specialmente p'ra mim.

Tuttos impregato també era speciale.

Assi che io xignê nu Petropolio già fui mediatamente na gaza du Hermeze che mi stava aspettando só io scigá p'ra incomincia o ingazamente.

Io xignê i diSSI: — Podi incominea a «engrenga» só vigáro.

Intó o vigáro xamó o Hermeze giunto c'oa Nairia i fufo p'ru artáro.

O vigáro incominció o ingazamente.

— Ego sem cogliêre di pán, manhá io vó dá un giro c'oa molhêre do Nigolau.

O sagristó arispondí: — Io també.

— Dominus téco, che o Hermeze tê gara di marreco.

Io o sagristó arispondí: — Tê si signore.

— Sursu corda i un pequigno di ma caroni co a polenta.

Io o sagristó arispondí: — Viva o macaroni.

Disposa chi cabó o «latino» o padro aparló p'ru Hermeze.

— Lustrissirnu Maresciallo! E' virdá, che o zignore stá quireno si gazá c'oa Nairia?

— E' si zignore.

— D. Nairia! A zignora també stá quireno si gazá coelli?

— Stó si zignore.

Non tê nissuno impedimento, pissalo? preguntó o vigáro p'rus insistente.

Aóra si avanzó o Maro Hermeze i diSSI che tenia un impedimento p'ra bustá inzima o ingazamente du Hermeze.

— Quale é? preguntó o vigáro.

— E' chi o novio é cretino, i cunformo a legge non podi si gazá.

Intó o vigáro non queriva maise afazê o ingazamente, ma Giangote ariquerê una dordia io abras corpo p'ru Hermeze i o vigáro fiz.

Cabado o ingazamente fumos tuttos tumá media co pon di a-zucara i disposa fumos afazê uma «xique», apassegiatina ingogopa a Venida Centrale, tuttos di tomobile, tutto apagato co arumo du Guvernimo che o Hermeze arnbó. Qui p'ra nois chi summo o amigos, o Hermeze

quano era sargente arubava piore d'un çicino. Antigamenti, illo arnbava galligna, i oggi inveiz nó!

Uh! che speranza! Oggi illo é o xefe d'una brntta quadriglia chiamai a quadriglia du Cattette.

Cabado o giro di tomoble fumos p'ru brutto ban hetto.

Io co Piedadó, só di peritivo abbiamo mangiato quattros leitozinho assato gadanno.

Disposa io mangié un piato di macaroni c'oa pemmarolla ingoppa i o Piedadó co Capitó, snzigno, mangiaro un porco do matto co rabbo i tutto.

Disposa io cumé ainda duos franguigno assato, mezzo ghiligno di prisuntimo co pon intaliano i nu garnerigno insopato c'oa batata ingoppa.

Quano xigó a ora da sebra-meza si alivantó o Piedadó i fiz nu vilbrantimo discurso di saudaçó, p'rua Hermeze c'oa Nairia.

Illo aparló cosí:
«Inlustró Maresciallo... zignora Marescialla.

«Sento una brutta gomeçó nista momente di erguê a migna fraca voiz p'ra saudá istu gazarzigno di pombigno che io quero bê co fundo do go-raçó l.

«O Hermeze, nimo signore, io já vi nu gampo di battaglia, curreno dianti dus surdado come una vacca braba!

«O Hermeze io já vi elli dá un brutto goiz inzima o gallo quano stive na Lemagna avis tanó o ré Gugliermo. O

«Hermeze, é come dize o poeta Bunito eroi, scirosa griatura!

Bó come un pidacigno di rapadura «A Nairia també pissalo, oglia a gara della! Apparece

«un angoi chi gai du ceu p'ru discuido inguanto Gristho stavo durmino. A fiziolomia della branga celor di lette di

«vacca, respira un scerigno gustoso di nocencia. Os oglo-

della aparece dois garvó acêi zo chi até dá voluntá p'ra genti di cendê nu çigáro inzima d'ellis.

«E istu casale, o Hermeze c'oa Nairia, io quero bê piore du Lengaro! Si o Hermeze na di vê p'ra mim i mi diz di Si atirá nu fôgo, io si atiro; se illo mi diz di non si atirá io non si atiro.

«E' pur istu mutive che io quero bê elli p'ra buiro che io nauguro p'relli c'oa molhêre tuttas specie di felicitá i o termino o migno discurso como Zan Tomé: — «Crescê i

«murtiplica».

O Piedadó fui ferneticamente plaudito. Aparló inda o Hermeze, e io també fiz un sei que discursimo che fui o migliore da a vesta, (adiscurpe a mde-stia).

Disposa du banchetto tive nu brutto ballo bunito piore d'un indigraziato. Intó fiquemos na brutta farraté as quattro ores da manhá i cabó a storia intró c'uma porta i sai c'oa otra. Ch' quizé contá otra.

Café Guarany

O MAISE COTUBA

Rua 15 de Novembro

EXPERIENTE

ARTIGOLO I — Chi insigná o Pivalh non apaga o Rigalejo.

ARTIGOLO II — Chi nou insigná apaga trezentó.

ARTIGOLO III — Istu giornale é o organo diffensore da proteçó p'ru animale.

ARTIGOLO IV — Du Hermeze da Fun sega també.

ARTIGOLO V — Chi non vutá nu Luig Vampa p'ra governatore da Repu bilga sará esgulhambato nos artigolos du Rigalejo.

ARTIGOLO VI — Non si riceve né si disinvorve origali.

JUÓ BANANÈRE
Girente



Pirralho... carteiro

Algumas senhoritas :

Homi soit qui mal y pense dizemos nós. Não podemos exercer a profissão que as senhoritas exigem.

O *Pirralho* não é agente de recados. Gratos e sempre ás ordens.

Nêê. Recebemos a lista do Conservatorio. Não publicamos neste numero, porque uma outra mais velha já se achava em nosso poder para ser também publicada, conforme Mlle, poderá vêr em outro lugar desta revista. No proximo numero sahirá publicada. Gratos e ás ordens.

Iracema Geoy. Porque não vem nos visitar. Resclva a dar o numero da residencia. Porque diz "mais tarde,,...? Venha. Não está nos moldes da nossa revista o seu ultimo artigo; não fazemos necrologios...

Sempre gratos e adeus.

"Pessoas desejadas,,..." São publicada hoje a lista que nos enviaram.

Agradecido. A's ordens.

Mlle. A. N. Não podemos publicar agora. Mais tarde. Muito obrigado.

Sr. Menotti Del Picchia. Na carta que o sr. Jacintho Góes, para honra sua, lhe dirigiu, havia escripto: "quanto *de* asnatico e ridiculo se contém no seu livro ,,.

Esta phrase é muito correcta. Mas o senhor na faina de encontrar algum erinho nosso, supprimiu cynicamente a particula *de*, tornando a phrase não incorrecta, mas sem sentido. Isso prova que o sr. alem de burro é um reles cavillador.

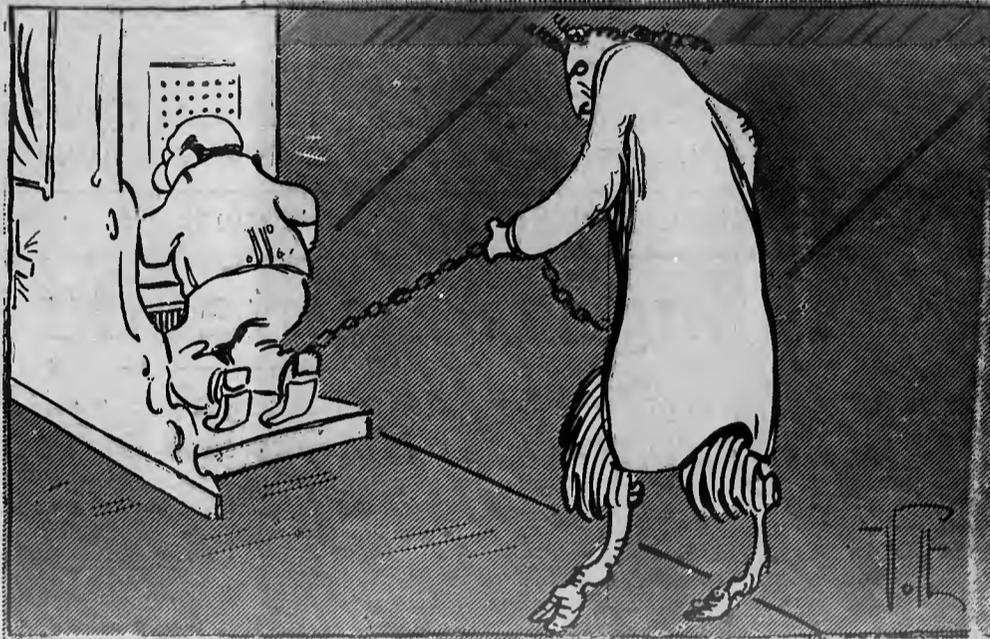
Estamos informados.

AZAMBUJA, administrador

São Paulo tem *jettatura*
E com ella ficará:
Emquanto da Prefeitura
Não sair o tal Duprat.

Echos do dia 8

O marechal antes do casorio confessou-se — (Dos jornaes)



— Absolvo-te Hermes. e que o diabo te carregue.

Poeira, lixo e companhia
Com uma grande animação,
Prestam de noite e de dia
Homenagens ao Barão.

Gracas a presteza da Companhia Cinematographica, quarta-feira ultima — dois dias apenas decorridos do casamento marechalicio — foi-nos proporcionado assistir o espalhafotoso e ridiculo film do consorcio do velho decrepito Marechal Hermes com a senhora Nair.

Pela primeira vez, a distincta reunião do Radium perdeu a compostura, *vaiando, assobiando, gargalhando*, cada quadro que passava.

Não era para menos. Quando o ridiculo Marechal "posou,, nas escadarias do Palacio Rio Negro, em companhia de sua esposa, para as machinas photographicas, esqueceu-se de que era o Presidente da Republica, e com uma cara de sem vergonha começou a bater no cotovello de «madame la presidente».

E é esse illustre paspalhão, que não quer que se fale da sua vida privada!!

Porque então apresentou-se com as insignias de Presidente da Republica e mandou tocar o Hymno Nacional?

Retribuindo a visita que um grupo de jornalistas cariocas fez á Buenos Ayres, tivemos em dias da semana, a honrosa visita dos collegas portenhos e uruguayos, que depois de uma estadia no Rio, desejaram conhecer também São Paulo.

Apezar das annunciadas comissões para isto, para aquillo, no dia da chegada dos nossos distinctos hospedes, achavam-se apenas na "gare,, da Luz, o nosso collega Mario Re's e um representante desta revista.

Parece incrível! Não nos admira tamanho insuccesso, porque infelizmente é commum em S. Paulo, fazerem parte de comissões jornalisticas, cavalheiros que so tem um Dr e nada mais.

O Club Paulistano, faltou com a devida consideração aos representantes legetimos da Imprensa Paulista.

E' verdade que a *matinée* se realizou no seu ground.

Mais quem pagará as despesas. O Paulistano ou Governo?

O tal Barão de Duprat
Quer ficar na Prefeitura?
Mas como não quererá,
Si é gostosa rapadura...

GRANDE ATELIER PHOTOGRAPHICO



G. Sarracino

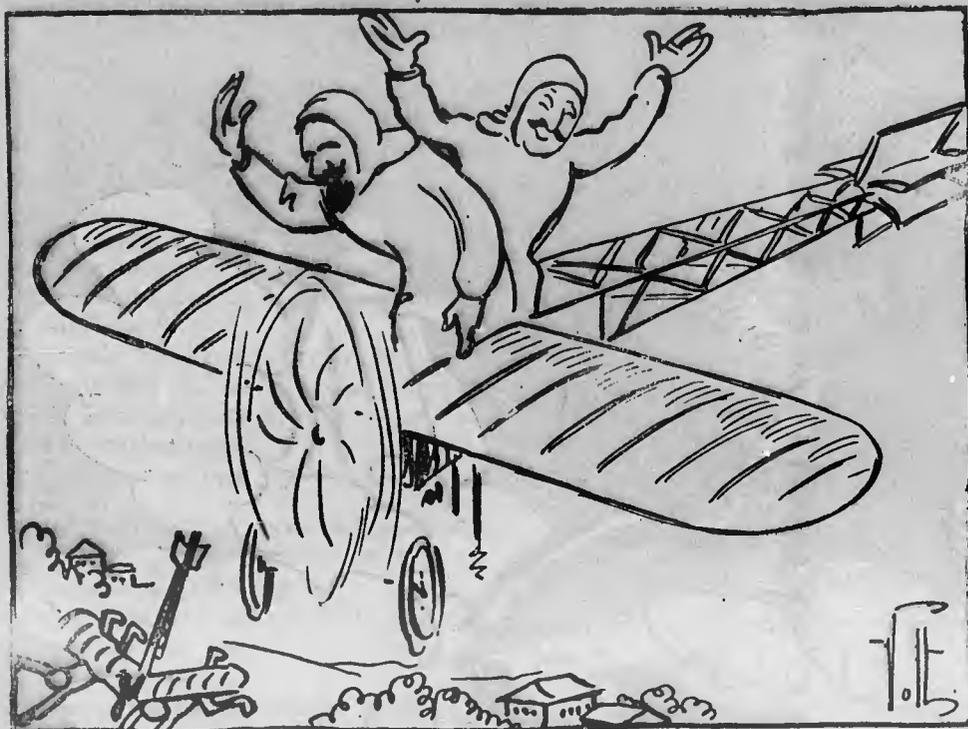
Premiado nas Exposições de S. Luiz 1904, Milão 1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908
Rua 15 de Novembro N. 50-B

Teleph. 625

S. Paulo



A victoria dos drs. Sampaio Vidal e Eloy Chaves



E a rata dos senadores da pseudoposição

“Pirralho,, parlamentar

80.^a sessão ordinaria em 5 de Dezembro

Estiveram presentes 17 felisardos, entre elles poucos talentosos e muitos analfabetos.

O sr. Ricardo Baptista justificou a sua ultima ausencia e outros quatro, por entenderem ser isso uma formalidade tola, deixaram de emittal-o.

(O sr. Luiz Piza) Peço a palavra sr. Presidente.

O sr. Presidente dá a palavra ao sr. sr. Luiz Piza.

(O sr. Luiz Piza):

— Pedi a palavra, sr. presidente, para que não digam que não abro a bocca durante as sessões legislativas.

Permitta v. exa. que eu cumpra um encargo, alias pesado e que me tem dado dôres de cabeça. Aposto como v. exa. já adivinhou...

(O sr. Presidente):

— Está enganado o illustre senador. Eu não sou madame Zizina.

(O sr. Luiz Piza):

— Perdão. V. exa. não esperou eu terminar a phrase: « já adivinhou que vou tratar da aviação porque foi o que ficou combinado ».

(O sr. Presidente):

— Continuo a dizer que v. exa. está equivocado.

(O sr. Luiz Piza batendo na testa):

— Tem razão. O dr. Pinto Ferraz é que está sciente.

Como ia dizendo, eu venho lançar o meu protesto contra a iniciativa do dr. Sampaio Vidal.

Confesso que ainda não tenho um juizo formado do que seja o aeroplano e o seu valor militar. Alguns espectaculos realizados pelo sr. Edu, proporcionaram-me ensejo de avaliar como é isso um sport perigoso e arriscado — mais arriscado do que se viajar na Central.

(O sr. Pinto Ferraz):

— Demais a mais o aeroplano é uma arma de guerra. A nossa policia não é um exercito. Depois o marechal actualmente na lua de mel, já o disse que São Paulo estava abusando.

(O sr. Luiz Piza):

— Tem razão o meu nobre collega. Acato o seu aparte e o archivo na minha carteira. Actualmente vivemos em paz e a Argentina está nossa amiga.

(O sr. Eduardo Canto):

— Os nobres collegas estão perdendo uma excellente occasião de se calarem. A iniciativa Sampaio Vidal teve como fito apparelhar a engrenagem militar da nossa invejavel Força Publica. Já que temos metralhadoras podemos ter aeroplanos.

Bravos nas galerias.

Vivas aos drs. Sampaio Vidal e Eloy Chaves.

(O sr. Pinto Ferraz):

— Mas o Estado está em quebra-deira. Eu sou pelos esbanjamentos que não apparecem.

(O sr. Luiz Piza):

— Quero apenas manifestar o meu pensamento, mas não impedir o que já está feito.

(O sr. Pinto Ferraz):

— Feito? Quem auctorisou as despesas?

(O sr. Luiz Piza):

— Ha tanta coisa que o governo faz, sem que o Congresso auctorise...

V. Exa. mesmo já tem transigido mais de uma vez — talvez uma mil vezes — approvando medidas dessa natureza.

(Um garoto das galerias): — Responda seu Pinto Ferraz. Olha a cara d'elle mamai. Está avacalhado...

(O sr. Luiz Piza):

— Com que direito podemos nos espantar com as villas operarias, edificadas á revelia do Congresso Nacional; a duplicação das linhas da Central; as despesas do casamento do marechal Hermes, si os meus nobres collegas não fazem outra cousa, sinão interromper o expediente dos secretarios, a pedir favores, a inventar melhoramentos que sobrecarregam o invalido Thezouro?

Vozes: — Não apoiado. Fóra o orador.

(O sr. Almeida Nogueira):

— A culpa é da politica. Só eu sou padrinho de 200 afilhados. Calcule o Rubião quantos não terá!

(O sr. Luiz Piza):

— E' por isso mesmo que protesto. Não impeço. Peço que os srs. Sampaio Vidal e Eloy Chaves não levem a mal este meu rasgo de eloquencia...

Hoje, eu voto contra, amanhã votarei a favor.

(Palmas nas bancadas, assobios nas galerias e parabens dos collegas restantes).

O Barranca ainda não apprendeu a sommar.

Segunda-feira ultima, noticiando a distribuição dos convites para o casamento do Marechal, declarou peremptoriamente que o Marechal remettera 50; a senhorita Nair 50 e o Barão de Teffé, outros 50: total 200 dizia o *Diario*!!!

Ora, o seu Barranca...



A ACTIVIDADE DO PIEDADE



... para cavar as sympathias do Barão

Evangelho da Sombra e do Silencio

É este o titulo do ultimo livro de versos do sr. Olegario Marianno.

Quem procura vêr o poeta atravez dos versos pensa immediatamente num anachoreta que vive cantando a natureza e a vida, numa poesia mais ou menos morbida, descobre a alma de quem já conheceu as misérias e torpezas do mundo e fugiu apavorado de tudo isso, para só, longe do convívio dos homens,

... ter sensações e gosar a harmonia
Do Silencio atravez da Natureza.

É justamente a falta de sinceridade o grande defeito da poesia do sr. Olegario Marianno. Não o conhecemos pessoalmente mas sabemos que elle é um moço chic, cheio de vigor para a vida, tem amigos e admiradores e frequenta a elite da sociedade em que vive...

Não é, portanto, o desilludido, o monge que foge do mundo e abomina a sociedade, para rezar e cantar cheio de fé o *Evangelho da Sombra e do Silencio*,

Essa tristeza buscada, essa morbidez estudada e procurada, enfim a falta de sinceridade é o que traz tambem a falta de grandeza á poesia do sr. Olegario Marianno. Ainda eu acredito que esse defeito desap-

parecerá com o correr dos tempos, porque elle parece ser fructo de uma preocupação de moço, que é a de ter escola, e mais tarde elle, convencido de que a arte não tem escola e que sem sinceridade não se faz arte, aproveitará com muito mais felicidade do que agora as suas excellentes qualidades intellectuaes.

Para terminar vamos transcrever aquella poesia *Para uma rapariga doente*, que é uma das mais bellas composições de livro do sr. Olegario Marianno :

Atravez do vestido transparente
Daquelle triste rapariga mágra,
Freme, numa indolencia de serpente,
Seu corpo de silhueta de Tanagra.

Via-a. Cantava nma canção singela
Olhando, com profunda nostalgia,
A paisagem do Mar que se perdia
Sem uma sombra triangular de véla.

A sua voz era um preludio de harpas...
Fiquei a ouvil-a como os poetas ouvem.
E o Mar, sentimental, pelas escarpas,
Soluçava Sonatas de Beethoven...

Ella cantava a meia voz... As notas voavam
Numa cadencia igual, dos seus labios de cêra.
Nos seus olhos extáticos fluctuavam
Sandades do paiz onde nascera.

Hoje não canta mais. De dia para dia
Accentuam se as suas hemoptyses.
E ella, que nunca teve uma alegria,
Canta a alegria dos que são felizes...

Seus olhos vão murchando lentamente
Nelles vislumbro, como um sonho derradeiro,
A agonia de num ultimo poente
Atraz do ultimo galho de um salgueiro...

E a pobresinha tem tndo que um poeta sonha:
O vulto gargalado e o aspecto frio
De uma garça a mirar, somnambula e tristonha,
A esguia projecção na agua de um rio.

Passa por mim e eu sinto o perfume supremo
Da mocidade morta se evolar
Do seu corpo que lembra a haste de um chry-
(santemo

Com lactescencias húmidas de luar.

Vejo-a d'aqui passeando horas inteiras...
E mergulho meus olhos longamente,
Profundamente, dolorosamente,
Nas suas maguadíssimas olheiras.

E ella que tem a silhueta esvelta e fina,
Espiritual, magnolisada, ostranha,
Some-se além... Desapparece na neblina
Como um trapo de gase da Bretanha.

Esta poesia dá uma idea do que seja o poeta do *Evangelho da Sombra e do Silencio*.

Jacinto Góes.



De camarote

CASINO ANTARCTICA

Já não é uma novidade para São Paulo, a inauguração do esplendido music-hall que baptizado com o nome de Casino Antartica, está sob a direcção da competente Empresa Theatral Brasileira.

Não estivessem á testa dessa poderosa empreza, Francisco Serrador, Bittencourt e Gadotti, não nosariamos prognosticar uma porção de glorias e de Inoros para o Casino Antartica.

Soube porem a Cia Antartica dar preferencia aos distinctos cavalheiros, cujatrindade simbolisa dias de bonança, risonhos e interminaveis.

O Casino Antartica, magnificamente installado, dispoe de um material completo, para os casos imprevisos, como sejam, incendios e tempestades.

Quanto ao conforto não ha igual no Brasil,

Basta dizer que a platea composta 550 cadeiras de 1.a classe e 250 de 2.a

"Promenoirs", 1000 lugares,

Dispondo de 34 frizas, sendo 16 fechadas, com ante-camaras espelhos e cabides e 18 abertas.

Os camarotes são em numero de 39, sendo que são 20 fechados e 19 abertos.

Galerias 800 lugares.

Espacosos varandas e vastos corredores.

Bar de primeira ordem, jardim e ponto de auctomoveis.

A direcção do estabelecimento osta sob as ordens dos sympathicos José Gonçalves e Gomes da Silva.

No Palace Theatre



O symphico maestro Belleza da Companhia Scognamiglio Caramba

os ministros Alexandrino e Vespasiano não assistiram ao casamento do Hermes

S. exas. temendo uma revolução permaneceram no Rio. — (Dos jornaes)



Alexandrino — Esse Hermes è caguira, eu já estou ouvindo tiros...

Vespasiano — Eu tambem, e bem pertinho...

PIERFIS

Mlle. B. P. S.

Ruy Blas, ao traçar o perfil de Mlle., sente immenso não conhecer as varias correntes philosophicas dos seculos varios, desde Platão e Aristoteles até Stierner, Nietzsche e Nordau, afim de melhor analysar as suas bellas qualidades de espirito, a sua graça sem par e a sua propria «philosophia», com a qual, confessamos desde já, estamos de accôrdo.

Mlle. é, sem duvida, sectario da doutrina preconizada pelo excelso escriptor de «Zarathustra». Nem se comprehende mesmo que não seja assim, uma vez que Mlle. não liga muito a certos prrconceitos balofos...

Mlle., nem por isso, deixa de apreciar os «bailes chics» do «Concordia» onde vemol-a sempre, toda gentilezas e cortezia. Gosta muito das «soirées» do Radium, aos sabbados, e assiste, geralmente, ás sessões das 9 1/2. Não a conhecem?

Mlle. tem olhos verdes, «olhos côr do mar, olhos encantados que fazem sonhar...» como aquelles que o grande Vicente descreveu ou imaginou... Prefere «toilettes» que lembram tempestades; é, na conversação, de uma volubilidade encantadora. Reside perto da Luz, e pena é não morar no Paraiso.

RUY BLAS



Perguntava-me ha dias, distincta senhora, residente na Avenida Paulista.

— Diga-me sr. Gavroche — esse nefasto sr. Dnprat será reeleito?

— Uma coisa defficilima de responder. A senhora bem sabe que tndo neste mundo é possivel. Basta dizer que a maioria da Camara foi reeleita.

— E o senhor não tem confiança nos vcreadores reeleitos?

— Absolutamente. A minha confiança está na propria consciencia do actual Prefeito. Elle bem deve saber que é abominado. Elle deve ter comprehendido que tem sido inutil. E si elle leu as «Coisas da Cidade» do Estado de 3 do corrente, deve ter sentido a sua impopularidade, a sua inepecia, a sua co-responsabilidade nos descalabros que nos vêm apavorando, a ponto de reduzir São Paulo a uma cidade porca, verdadeira cidade do lixo, da poeira.

— Que juizo terão feito os jornalistas platinos, depois do terem se deslumbrado com o Rio de Janeiro?

— Pessimo, minha senhora. Houve um, que ironicamente me perguntou si São Paulo era victima de terremotos. Mui naturalmente, respondi-lhe que São Paulo tinha por administrador municipal, um homem imprestavel e quasi analphabeto, Gostou da minha franqueza. Lamentou dovéras, que a impressão da cidade lhe desse um aspecto horrendo, principalmente quando passou pelas Ruas São João e Palmeiras.

Da Prefeitura o Baião

Sahirà, a gente o sabe,

Pois diz um velho rifão:

— Não ha mal que não se acabe...

para dia
tyses.
alegria,
felizes...
entamento
inho derradeiro,
ite
n salgueiro...
um poeta sonha:
to frio
bulá é tristonha,
de um rio.
erfume supremo
r
ste de um chry-
(santemo
de luar.
as inteiras...
amente,
te,
eiras.
velta e fina,
anha,
na neblina
Bretanha.
do que seja o
ra e do Silencio.
ho Góes.



A' ESPERA

A sós a espero. Ella não vem. A espaços
Olho a estrada deserta. Ah! si ella viesse!
Com que ancia a apertaria nos meus braços,
Com que amor, si ella agora apparecesse!

Ella não vem. Minha anciedade cresce,
E, como preso em mysteriosos laços,
A todo instante fico a ouvir-lhe a prece
Do seu vestido e o rithmo de seus passos.

E ella não vem. Que choro pungitivo
Ha nos amenos, musicaes rumores
Da aragem que entre as arvores desliza.

E ella não vem. No entanto, pensativo,
Seu rosto cuido ver em vendo as flôres,
E cuido ouvir sua voz na voz da brisa!

LAMARTINE F. MENDES



Esposição Petrilli

O jovem pintor napolitano Petrilli, que ora se apresenta ao publico paulista, é um artista. A arte moderna, com tudo o que tem de bom e, talvez mesmo, com alguma cousa de exagero é o que o tenta; é a sua arte. Em todos ou' em quasi todos os seus trabalhos, nota-se o inacabado, o *negligé*... mas sempre se vê do que era capaz si o quizesse.

A's vezes, é por demais arrojado, mas um traço, uma iluminação de mestre, salva o que haja de imperfeito como em *Adolescente no banho*: nù bem *manchado*, correctissimo de desenho e de muito bôa composição todo o quadro.

Ha no entanto, o braço direito, *escorso*, da mulher que segura a toalha, que é curto. *Depois, do banho* é um bello estudo de criança. *Pára a praia* (19, pastel) é um bello estudo de marinha. O rapaz que vai ao leme è bem impressionado:

Seja pintando marinha, em que mar e o ceo de Napoles resplendem magnificamente no azulado das suas telas ou seja estudando o môrno ambiente dos claustros, que parece agra-

dar muito ao seu temperamento, o Snr. Petrilli é um artista.

O *sacrificio* é deste genero. Ha um que de tristeza no olhar daquella que se aparta definitivamente do mundo e a luz dos cyrios, o pallôr da face mascarada das freiras, são muito bem tratados.

Estudo de sóror (pastel); *A sepultada viva e Velha sóror*, são bellos trabalhos; são estudos feitos para o lindo quadro de que tratamos acima: *O sacrificio*. *A offerta* (aquarella) e *Ocioso*, typo estupendo de gavroche são dignos de nota.

A impressão rapida que procuramos transmittir aos leitores é esta: o Snr. Petrilli é um artista. A sua arte, com ser moderna, não è a desses que amontoam tinta e fazem rabiscos incomprehensíveis a que chamam quadro de genero.

S. MACHADO

No BAS-FOND da politica



Principio de "fecha" domestico



AS GRANDES PAGINAS LITTERARIAS

(Tradução inédita para o «Piratho»)

Fragmento de "La fausse maitresse,"

DE HONORÉ DE BALZAC

Paz e Clementina ficaram sós.

— Eu vou deixá-la, madame, disse Thadeu, porque vae decerto reunir-se a elles na opera...

— Não, respondeu ella, a dansa não me agrada, e dão esta noite um *ballet* detestavel. *La Révolte ou Sérail*.

Um momento de silencio.

— Ha dois annos, Adam não teria ido sem mim, falou ella sem olhar Paz.

— Elle a ama loucamente, respondeu Thadeu.

— E é porque elle me ama loucamente que talvez amanhã não me ame mais, exclamou a condessa.

— As parisienses são inexplicaveis, disse Thadeu. Quando são amadas *loucamente*, querem ser amadas *com a razão*, e quando se as ama *com a razão*, accusam de não se saber amar.

— Ellas têm sempre razão. Thadeu, contentinou ella sorrindo. Conheço bem Adam e não lhe quero mal. E' leviano e sobretudo grande senhor. Viverá sempre contente de me ter por mulher e nunca me contrariará em nenhum dos meus gostos, mas...

— Qual é o casamento que não tem um *mas*? disse docemente Thadeu procurando dar outro curso aos pensamentos da condessa. O homem o menos avantajado teria tido talvez o seguinte pensamento, que quasi enloquecen esse amoroso:

— Se eu não digo que a amo, sou um imbecil.

Reinava entre os dois um desses terriveis silencios cheios de pensamentos.

A condessa examinava Paz disfarçadamente enquanto elle a contemplava pelo espelho. Enfiando-se mais na sua *bergère*, como um homem satisfeito que digere, n'um verdadeiro gesto de marido ou de velho indifferente, Paz cruzou as mãos sobre o ventre, fez passar rapida e machinalmente os polegares um sobre o outro e ficou olhando aquillo estupidamente.

— Mas enfim, fale-me bem de Adam! exclamou a condessa. Diga-me que elle não é um leviano, você que o conhece!

Foi um grito sublime.

— Chegou o momento de levantar entre nós barreiras definitivas, pensou o pobre Paz, resolvendo-se a uma heroica mentira.— Falar bem? disse elle em voz alta. Eu o amo demais, a senhora não me accreditaria. Falar mal, sou incapaz... Assim o meu papel é bem difficil entre os dois. Clementina baixou a cabeça e olhou a ponta das botinas de verniz de Paz.

— Vocês do Norte têm só a coragem physica, não têm constancia nas suas resoluções, murmurou ella.

— O que vae ficar fazendo sesinha, perguntou Paz, tomando um ar de ingenuidade perfeita.

— Não me faz companhia então?

— Desculpe-me, preciso deixá-la.

— Como? onde vae?

— Vou ao Circo, elle abre-se nos Campos Elyseos esta noite e en não posso faltar.

— E porque? disse Clementina interrogando-o com o olhar um pouco zangado.

— Será preciso abrir-lhe o meu coração, disse elle confundindo-se, confiar-lhe o que escondo até do meu caro Adam, que cre que en só amo a Polonia?

— Ah! Um segredo do nosso caro capitão? — Uma infamia que a senhora comprehenderá e de que me consolará.

— Você infame?

— Sim, en, conde Paz, estou loucamente apaixonado por uma rapariga que corria a França com a familia Bouthor, gente que tem um circo como o de Francini mas que só «explora» as feiras. Fiz o director do Circo Olympico contractual a.

— Ella é bonita? disse a condessa.

— Para mim, fez elle melancolicamente.

Malaga, é o seu nome de guerra, é forte, agil, *souple*. Porque en a prefiro a *todas as mulheres do mundo*? Em verdade, não sei dizer. Quando a vejo, os cabellos negros retidos por uma faixa de setim azul esvoaçando sobre as espaldas nuas, *olivâtres*, vestida de um corpete branco bordado de ouro e de um *maillot* de seda que faz della uma estatua grã viva, os pés em calçados de setim usado, passando com bandeiras na mão, ao som de uma musica militar, através de um immenso arco de papel que se rasga no ar, quando o cavallo foge a todo galope e ella recabe com graça sobre elle, applaudida sem *claque* por todo um povo... bem, isso me commove!

— Mais do que uma bella mulher num baile? disse Clementina com uma surpresa provocante.

— Mais, respondeu Paz, com uma voz estrangulada. Aquella admiravel agilidade, aquella graça constante n'um *codante* perigoso me parecem o mais bello triumpho de uma molher. A. Cinti, a Malibrani, a Grisi, a Taglioni, a Pasta e Elssler, tudo o que reina ou reinou sobre o scena não me parece digno de decamarrar os cothurnos de Malagá, que sabe descer e montar n'um cavallo ao grandissimo galope, que se esgueira por baixo, à esquerda, para montar á direita, que volteia como um fogo fatuo branco em redor do mais fogoso animal, que póde se snster sobre a ponta de um só pé e recahir sentada, balançando as pernas, sobre o dorso do cavallo sempre ao galope e que enfim, de pé, sobre o corcel sem re-deas, faz meias, quebra ovos e prepara uma *omelette*, deante da profunda admiração do povo, do verdadeiro povo, canponenes e soldados!

Na feira, em outros tempos, essa encantadora Colombina equilibrava cadeiras na ponta do nariz, o mais bello nariz grego que tenho visto. Ma'aga, madame, é a *adresse* em pessoa. De uma força herculea, ella não precisa sinão de seu punho mignon ou de seu pequeno pé para se desembaraçar de tres ou quatro homens. E' enfim, a deusa da gymnastica.

— Deve ser, estúpida...

— Oh! continuou Paz, divertida como a heroína de *Peveril du Pic*. Descuido sa como uma bohemia, ella diz tudo o que lhe passa pela cabeça; incommoda-se com o futuro como a senhora poderá se incommodar com o dinheiro que joga aos pobres, e escapam-lhe coisas sublimes. Nunca lhe convencerá de que um velho diplomata valha um bello rapaz, e um milhão não lhe faria mudar de dea.

O seu amor é para um homem um orgulho perpetuo. De uma saude verdadeiramente insolente, seus dentes são trinta e duas

perolas de nm oriente delicioso engasta das n'um coral.

O seu focinho, ella diz assim, tem, conforme a expressão de Shakespeare, a frescura e o sabor, d'um focinho de novilha. E ella dá grandes maguas! Ama bellos homens, homens fortes, Adolfos, Angustos, Alexandres, athletas e palhaços. Seu instructor, um horroroso Cassandre, moia-a de pan-cada, e foram necessarias mulhares de sovas para lhe dar a sua *souplesse*, a sua graça a sua intrepidez.

— Você está bebado de Malaga! disse a condessa.

— Ella chama-se Malaga nos annuncios, respondeu Paz com o ar offendido.

Móra na rua Saint Lazare, num pequeno appartamento do terceiro andar, no velludo e na seda e vive lá como uma princesa. Assim tem duas existencias a sua vida de feira e a sua vida de mulher bonita.

— E ama você?

— Ella me ama, vae rir, unicamente porque sou polon-z! Ella vê sempre os poloneses conforme a gravura de Poniatowski saltando no Elster, porque para toda a França o Elster, onde é impossivel alguem se a fogar, é um rio impetuoso que engulm Poniatowski. No meio de tudo isso sou bem infeliz...

Uma lagrima de raiva que veio aos olhos de Thadeu commoveu Clementina.

— Vocês homens, amam o extraordinario!

— E as mulheres! fez Thadeu.

— Conheço bem Adam, e estou certa de que elle me esquecerá por uma fazedora de magias como a sua Malaga. Mas onde a conheceu?

— Em Saint-Cloud, em Setembro ultimo, no dia da festa. Ella estava n'um canto do estrado coberto de panuos onde se representa. Seus camaradas, em costumes poloneses, fazi m um terrivel charivari. Via muda, silenciosa e acreditei advinhar n'ella pensamentos de melancholia. Eis o que me tocou.

A condessa estava n'uma deliciosa *post*, pensativa, quasi triste.

— Pobre! Pobre Thadeu! exclamou ella. E com a bonhomia da verdadeira grande dama, accrescentou, não sem um fino sorriso.

— Vá, vá ao circo!

Thadeu tomou-lhe a mão, beijou-a deixando-lhe nma lagrima quente e salin.



peramento, o
a.
genero. Ha um
r daquella que
e do mundo e
allôr da face
são muito bem

el); A sepul-
são bellos tra-
os para o lindo
s acima: O sa-
rella) e Ocioso,
che são dignos

que procura-
itores é esta:
artista. A sua
não é a des-
e fazem ra-
s a que cha-

MACHADO





CASA MAPPIN & WEBB



— Rua —

15 de Novembro



— Não! Sejas prudente. Bem sabes que a policia paulista não é a carioca.

— Estou farto de ouvir conselhos. Quando vejo umas perolas do Oriente...

— ...e não podem ser do Occidente?

— Podem. O que è facto é que a Casa

Mappin & Webb è a que tem o melhor sortimento de perolas. Depois aquelle pendantif...

— Uma fortuna.

--- E ainda exitas?

---- Acompanhemol-a. Oh! vae entrar de novo na Casa Mappin.

----- Ah! vae sem duvida visitar a nova sessão para senhoras e creanças.

----- Talvez algum enxoval...

----- Se assim fôr tem gosto: Vê-se desde logo que a Casa Mappin só tem um defeito:

----- Qual?

----- Estar na Rua 15 de Novembro e não ser nossa.